

O historial clínico do *Homem dos lobos* de Freud, revisitado à luz de certos aportes da psicanálise contemporânea. Muito aquém da neurose

Alicia Beatriz Dorado de Lisondo¹, Campinas

O historial clínico do Homem dos lobos de Freud (1918 [1914]) é revisitado à luz de certos aportes da psicanálise contemporânea: contratransferência; campo analítico; o terceiro analítico; trabalho do sonho alfa do analista; a pessoa do analista; a cena primária; transformações em “O”; a mente multidimensional. O diagnóstico de neurose também é reformulado (Bion, 1957), considerando os aportes dos autores que estudaram as patologias não neuróticas (Green, 1988, 1995, 2005a; Roussillon, 2019; Lutemberg, 2007, 2008; Levine, Reed e Scarfone, 2015), com déficit na simbolização, o vazio mental, os transtornos do psico-soma (Winnicott, 1965/1983; Green, 1988, 2005b, 2005c; Roussillon, 2019; Liberman et al., 1982; Marty, 1993, 1998), às defesas obsessivas e os estados autistas da mente (Korbivcher, 2013).

Palavras-chaves: Homem dos lobos; Técnica; Cena primária; Psicanálise contemporânea; Patologias não neuróticas

¹ Analista didata e docente do Grupo de Estudos Psicanalíticos (GEP-Campinas) e da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Filiada à *International Psychoanalytic Association*. Co-fundadora do Grupo de Estudos Psicanalíticos de Campinas. Analista de crianças, adolescentes e adultos.

1. Introdução

“Estou totalmente de acordo que a melhor forma de combater as neuroses e as doenças mentais é tratá-las na infância, no momento de sua formação”. (Sergei Pankejeff citado por Gardiner, 1971/1983)²

Há mais de um século, Freud escreveu os primeiros quatro anos e meio da análise do *Homem dos lobos*, Dr. Sergei Pankejeff (Freud, 1918 [1914]/1998). Nesta história, referida pelo mestre como uma neurose infantil, o conflito sexual seria determinante.

O paciente já tivera malária quando pequeno e gonorreia aos 18 anos. Também sofrera de várias fobias e terrores noturnos. Aos vinte e três anos, quando iniciou o tratamento, estava totalmente incapacitado e dependente de outras pessoas.

Ele tinha a impressão de estar isolado do mundo por um véu que se rasgava toda vez que recebia uma lavagem intestinal. Mostrava uma vulnerabilidade egóica e um esquema corporal psicótico, de acordo com os ensinamentos de Freud (1923/1998) e de Rosenfeld (2006, 2012).

O estudo de caso de Sergei trouxe novos conhecimentos para a psicanálise (Brunswick, 1928/1983; Gardiner, 1971/1983), mais do que o paciente parece ter usufruído durante o seu tratamento, de suas transformações em “O” (Bion, 1965), até mesmo se considerarmos sua reanálise com Freud em 1919.

O paciente parecia estar maravilhado com o analista e com a psicanálise, fascinação que perturbava a percepção de ambos. O primeiro não entrava em contato emocional profundo na experiência e Freud, *por sua vez*, deixou de analisar a função, o uso que o paciente fazia da análise. As resistências ao método e a hostilidade ao seu criador não foram suficientemente abordadas. O doente tinha um conhecimento racional, falava sobre a psicanálise e “surfava” sobre os achados teóricos que Freud, graças a ele, encontrou.

A cena primitiva, a organização oral precoce da libido (Freud 1905/1989, 1909/1989), as pulsões femininas arcaicas, os efeitos diferidos, o traumatismo surgido de um drama manifesto, as complexidades do erotismo anal e do complexo de castração, as múltiplas vicissitudes da obsessividade e as fantasias filogenéticas

² Tradução livre da autora na citação em português *“Estoy totalmente de acuerdo en que la mejor forma de combatir las neurosis y las enfermedades mentales es tomarlas en la infancia, en el momento de su formación”* (1971/1983, p. 262). Carta escrita pelo *Homem dos lobos* e dirigida a Muriel Gardiner em 6 de dezembro de 1962.

O historial clínico do *Homem dos lobos* de Freud, revisitado à luz de certos aportes da psicanálise...

são os temas iluminados pelo mestre. Do ponto de vista técnico, o sonho é detalhadamente interpretado, a cena infantil é reconstruída de forma minuciosa e o mestre opta por impor uma data para o fim do tratamento (Mijolla, 2005). Esta decisão não surge na relação (Ferro, 1998).

Do ponto de vista epistemológico, Freud adverte a respeito da imperícia e das limitações do profissional para abarcar os mistérios da alma humana. Esta advertência encontra-se em sintonia com as descobertas da física quântica e com os aportes de Bion e Matte-Blanco à psicanálise.

Entretanto, no esquadrinhamento que faz de cada detalhe, ele parece não admitir esta limitação humana com seu “filho analítico”.

Nesse contexto histórico, o autor nos oferece sua concepção sobre a psicanálise e sobre a sua forma de trabalhar. O fundador da nova ciência reformulou a teoria ao longo de sua vida, repensando este historial. Nas *Conferências de introdução a psicanálise* (1917 [1916-17]/1989) enfatiza que os sonhos das crianças dão a chave para compreender a neurose do adulto, condensando a complementariedade tanto da predisposição por fixação libidinal quanto das vivências acidentais traumáticas. Na atualidade, podemos visitar o diagnóstico e os fragmentos do tratamento do Dr. Sergei à luz de certas mudanças epistemológicas na teoria e na *techné* da Psicanálise Contemporânea (P.C.), as quais surgiram como reforço atualizado, ampliação, reformulação, recuperação e reparos dos pilares freudianos:

- Hoje, a metáfora da exploração do psíquico no jogo de obscuridades e luzes substituiu a tendência à explicação. O mestre atormentado por suas questões internas e no momento histórico que vivia em decorrência das controvérsias com Adler e com Jung, e posteriormente com Rank, queria validar seu arcabouço teórico e, assim, convencer a seu paciente e ao leitor das consequências por ele ter testemunhado a cena primária.

Sem dúvida, a primeira e mais importante modificação consiste em uma diminuição da importância da precisão da interpretação, talvez até uma diminuição global na urgência da interpretação. Para isso, a partir de agora, a atenção muda, por assim dizer, na direção da interação, para a relação da qual emergem as ideias interpretativas. (Meltzer, 1984, p. 5)³

³ Tradução livre da autora na citação em português. “Indudablemente la primera y más importante modificación consiste en una disminución de la importancia de la exactitud de la interpretación, quizás hasta una global disminución de la urgencia de interpretar. Para esto, la atención se desplaza, en adelante, por así decir, en dirección a la interacción, a la relación de la cual las ideas interpretativas emergen”.

- Na P.C., a *relação intersubjetiva entre a pessoa do analista e o analisando* (Mezan, R. 2017), ou seja, o objeto analítico (Levine, Reed e Scarfone, 2016a e 2016b), é fundamental no campo analítico (Baranger & Baranger, 1962; Borensztein, 2012) para criar a experiência emocional (Bion, 1962b) do encontro.
- Como instrumento privilegiado para compreender o paciente, a contratransferência ganha fôlego quando é concordante e não atuada complementarmente pelo analista (Racker, 1960).

Cabe destacar que, na história da psicanálise, a contratransferência, mesmo que sempre presente, foi tida como inconveniente perigoso em Freud. Para Klein (Steiner, 2017), considerá-la permite que o analista esteja atento a ela, acentuando o *enactment* como perturbação da função analítica. Para Bion, ela não pode ser conhecida porque é inconsciente, ou seja, exige análise do analista. Ainda para ele, importa a experiência emocional e, nela, o profissional com sua capacidade de sonho Alfa (Bion, 1992) e a sua intuição treinada (Lisondo, 2019) poderá compreender as identificações projetivas do paciente.

- Freud não indaga, neste momento, o impacto da própria personalidade na relação com seu paciente⁴. *O estado mental do psicanalista determinará a atitude psicanalítica* (Tabbia, 2019). *O analista sempre está implicado na relação* (Cintra, Tamburrino e Ribeiro, 2017).
- A cena primária pessoal do mestre teve impacto no tratamento de todos os pacientes e no movimento analítico inicial. Fragmentos autobiográficos do analista se entrelaçam e se confundem com os aportes do paciente, longe dos conselhos do mestre em *Recordar, repetir e reelaborar* (Freud, 1914/1990). Os dois nasceram envolvidos em uma membrana e se consideravam agraciados pelo destino. Um e outro foram marcados pelas fantasias em torno da cena primária. O papel das amas de leite foi central nas suas vidas. Além disso, em ambos, o nariz foi palco do *phatos*.
- Na P.C., os critérios para o término de uma análise surgiram da relação.

O que teria levado Freud tanto a colocar uma data súbita para o término do tratamento quanto a prometer uma cura completa dos transtornos intestinais, além de provocar a oposição de Sergei? Estaria o analista desejoso que o paciente tivesse

⁴ Duas semanas após a finalização do tratamento, a Áustria estava em guerra com Rússia. Freud temia que o seu primogênito, alistado nas forças armadas, fosse atingido pelo *Homem dos lobos*.

O historial clínico do *Homem dos lobos* de Freud, revisitado à luz de certos aportes da psicanálise...

a experiência da castração, do corte, do fim? No entanto, o corte não foi possível pela relação analítica e pós-analítica prolongada entre ambos.

Esse término contraria os aportes de *Análise terminável e interminável* do próprio mestre em 1937. Tal atitude pode ter contribuído para reativar os medos de morte de seu paciente, assim como a ansiedade de separação, os esforços masoquistas e a angústia de castração (1937a/1998).

Freud interrompe o tratamento de Helene Deutsch para atender novamente o seu “paciente preferido”. Perguntas sem resposta surgem desse misterioso relacionamento entre o onipotente “curandeiro” e Sergei. A doença de Freud reativou a doença do paciente preferido. Para sua futura analista, Brunswick (1928/1983), a fonte da nova doença era um resíduo de transferência não resolvida (Gardiner, 1983). Sem dúvida, muitos outros fatores teciam o emaranhado de seu padecimento.

Tampouco o analista está atento às outras *licencias* na sua “técnica” com este paciente (Candi, 2010):

- O analista confessa seu pequeno interesse pela música, pela arte moderna e pela pintura de paisagens; nomeia seus autores preferidos; confessa a quebra da perna de seu primogênito; aconselha seu paciente a não ser pintor pela estrutura racional de sua personalidade; sugere que o paciente lhe ofereça um presente, como ato simbólico, para diminuir o sentimento de gratidão e a dependência ao analista. Uma estatueta de mulher egípcia, com um tocado em forma de mitra⁵, foi o presente escolhido, o qual ocupou um lugar de destaque na mesa de trabalho de Freud. O objetivo do presente, que era liquidar a transferência, não foi alcançado. O desfecho clínico constituiu um ato não interpretável. Quando Sergei caiu na miséria pela situação política russa, após o primeiro período de análise, Freud mensalmente lhe entregava dinheiro arrecadado como gratidão pelos aportes que o paciente trouxera à psicanálise. Este relaxamento na técnica poderá ter contribuído para vários fatores: uma iatrogênica paranoia; a intensificação da imagem de um pai todo poderoso ante um filho passivo; a angústia de castração. Incentiva atitudes psicopáticas quando Sergei oculta a posse de joias vindas da Rússia.
- Em 1923, o paciente encontra Freud doente, com câncer no nariz. No seu mundo interno, ele foi o assassino e devolveu-lhe a vida com o seu

⁵ Mitra ou Amigo é o deus do sol, da sabedoria e da guerra na mitologia persa. Ao longo dos séculos, foi incorporado à mitologia hindu e à mitologia romana. Na Índia e na Pérsia, representava a luz, significando em persa, literalmente, “Divindade solar”. Representava também o bem e a libertação da matéria.

Alicia Beatriz Dorado de Lisondo

transtorno no psicossoma: a linguagem do nariz. A paranoia foi ativada, da mesma forma que o seu delírio no rosto, como relata sua posterior analista Brunswick (Gardiner, 1971/1983).

- Aquilo que não foi possível trabalhar no campo analítico aparece teimosamente expressado no corpo.
- As dificuldades do mestre em reconhecer a sua agressão contra o próprio pai não lhe permitiram analisar a transferência negativa do paciente.

Existe complementariedade entre a insistência, persuasão, sugestão e autoridade de Freud e a submissão feminina e complacente deste paciente, reveladoras de um falso *self* (Winnicott, 1960/1990) e de adaptações não analisadas.

- Na P.C. estas “atuações” seriam, no diálogo com um outro colega, na autoanálise ou reanálise, compreendidas como uma lanterna para iluminar níveis inconscientes da relação analítica no campo. A interpretação ganharia fôlego como ferramenta importante (Ferro, 2000, 2005, 2011, 2017; Ogden, 2013a, 2013b; 2014a, 2014b).

Freud faz uma detalhada e fantasiosa construção sobre a visão da cena primária quando o paciente tinha um ano e meio de idade, construção esta que aparece no sonho com os efeitos retardados para ser ressignificada aos quatro anos de idade. A cena primária, a sedução e a castração são fantasias primordiais, fazendo parte do patrimônio filogenético. Provavelmente vários fatores contribuíram no trabalho onírico: a visão de cães copulando; os contos de fadas; as maldades de Owen, a babá inglesa, que teria dito a Sergei e sua irmã Ana que balas com a forma de bastões eram cobras fragmentadas; a morte das ovelhas por uma epidemia na *finca* dos pais. Ele também testemunhara os pedaços de uma cobra pisada pelo pai. Como se fosse um brilhante detetive, o analista buscava incansavelmente montar a cena “real/verdadeira”, em uma empreitada ontogenética e filogenética, com o objetivo de provar a existência de fantasias inatas. O bebê teria visto o coito parental anal na posição *a tergo*, em um movimento pendular, e teria interrompido com sua defecação e berros (situação traumática que manteve a confusão entre o coito genital e a zona anal). Esta visão teria confirmado suas fantasias sobre a castração, sobre o coito parental e sobre o renascimento em um fantasiar retrospectivo. A inevitável culpa inconsciente ao testemunhar a cena primária, a fúria da criança, o dano narcisista, a aceleração da maturação sexual e a perda de apetite seriam alguns dos efeitos.

O historial clínico do *Homem dos lobos* de Freud, revisitado à luz de certos aportes da psicanálise...

- Na P.C, Melanie Klein (1929, 1932) cria o conceito de *figura parental combinada*, uma fantasia terrorífica que implica no ataque ao corpo materno, onde a criança acredita que o pênis do pai reside permanentemente. Sendo assim, ela aprofunda a frustração e o sentimento de exclusão da criança (Klein, 1929, 1932). O terror profundo surge da ideia que a mãe e os objetos internos possam vir a se vingar. As fantasias agressivas sobre o comércio sexual dos pais suscitam fantasias paranóides. O temor é que os objetos vingativos feridos no corpo da mãe foram introjectados nas próprias entranhas como perseguidores internos. Esta fantasia é a primeira e mais primitiva da situação edípica: os pais unidos através da extrema crueldade. A fúria e a raiva da criança ante a exclusão desta cena a leva a perceber a relação dos pais como extremamente violenta. Os dentes, unhas, genitais, excrementos e pequenos animais são fantasiados como perigosas armas para destruir o ato da copulação (Klein, 1932). O comércio sexual parental é alvo de forte inveja. Meltzer (1973) pensa que o desenvolvimento da sexualidade e a criatividade na personalidade dependem da transformação da figura objeto-parte para reconstruí-la em objetos totais, com versões mais realistas da mãe e do pai, processo inerente à posição depressiva. Para Meltzer, esta cena parental realista é um objeto interno, fonte da criatividade pessoal, sexual, intelectual e estética. A relação entre os pais é o primeiro modelo de relação.
- Na P.C, apostamos na *teoria da incerteza* de Heisenberg (1927/1996). O observador faz parte do observado. Sempre a “realidade” será percebida pelo viés da subjetividade. A *coisa em si* é incognoscível.
- Sem desmerecer a astúcia e o talento do mestre na interpretação do célebre sonho, ao invés de rastrear o passado, o acento estaria também em observar, na relação e na experiência emocional (Jarast, 2016), a polissemia do sonho sem a exigência de dissecá-lo e sem pretender alcançar seu umbigo, aceitando a existência da mente inacessível (Bion, 1997). Meltzer, na conferência *Sobre a imaginação* (1984), dizia que:

Bion sugeriu que a realidade das teorias causais foi substituída por múltiplos vértices na ciência descritiva e integral; trata-se de olhar para os dados de observação a partir do maior número possível de vértices⁶. (p. 147)

⁶ Tradução livre do autora de: “*Bion sugería que la prueba de realidad de las teorías causales fuera sustituida por los múltiples vértices en la ciencia descriptiva y comprensiva; se trata, pues, de mirar los datos de la observación desde el mayor número de vértices posibles*”.

Alicia Beatriz Dorado de Lisondo

- O pesadelo, aos quatro anos de idade do paciente, que batiza este historial *O homem dos lobos*, substituiu seu nome próprio, o berço da sua identidade (Tesone, 2009).

Vivências de Freud no quarto de seus pais foram reatualizadas. O analista estava realmente eneguecido por elas e caiu em uma argumentação arbitrária⁷.

Por momentos, parece que Freud considerava que a reconstrução dos fatos primordiais da infância de Sergei era o suficiente para a sua cura. A célebre meta de fazer consciente o inconsciente.

- Na P.C., a ênfase na transferência⁸ e na *experiência emocional* na relação (Bion, 1962b; Meltzer, 1978) ocupam o primeiro plano. Para o autor Hindú (1965) é importante que o conhecimento encarnado emocionalmente promova as transformações em “O” no Ser. Bion coloca a fé no *corazón de su técnica* (Vermote, 2011a, 2011b).
- Os Estados Mentais Primitivos (E.M.P.), aqueles anteriores à repressão primária, à formação da barreira de contato e à Posição Esquizoparanoide, ganham destaque. São os registros do Id estrutural nunca reprimidos, porque nunca foram conscientes. Nos E.M.P, encontramos a sensorialidade, os refúgios autistas, o irrepresentável, o não simbolizado (Levine, Reed e Scarfone, 2015) e as manobras autosensuais. Neles, as angústias são catastróficas (Meltzer, 1975), de liquefação (Athanassiou, 1982), de precipitação (Houzel, 1991), de não integração (Bick, 1968/1991), talâmicas e subtalâmicas (Bion, 1974/1991).

Os E.M.P. aparecem na linguagem pré-verbal, mas é a linguagem verbal convocada na associação livre. Cabe destacar que Freud está atento quando seu paciente observa o relógio do consultório localizado em frente ao divã. No conto de fadas, é justamente no relógio que se esconde o sétimo cabrito ante o lobo.

O paciente, com sua diarreia e constipação, não expressaria ora a falta de continência interna, ora o imperativo de preencher um vazio? Não estaria ele provocando manobras autosensuais para garantir a sua existência? Esta constipação volta em 1919 e é considerada como a característica histórica da homossexualidade reprimida recolhida no intestino.

- A falta de integração psique-soma e de *esfincter mental*, a sobreadaptação,

⁷ O apelo a uma herança arcaica filogenética para explicar a cena primária poderia ser visto como um modo de repelir as recordações do mestre sobre uma cena primária real.

⁸ A transferência não foi analisada em profundidade por Freud, negligenciando a transferência materna e a negativa.

O historial clínico do *Homem dos lobos* de Freud, revisitado à luz de certos aportes da psicanálise...

a submissão e a depressão essencial seriam novos vértices na P.C. para elucidar esse transtorno.

- O *Homem dos lobos* apresenta um desafio linguístico. Com sua concepção estruturalista da língua, Lacan é o autor que mais tem aportado neste sendeiro, mesmo que a dimensão emocional do sujeito não tenha sido destacada pelo autor francês (Green, 1992). Apesar de sua importância para o tema, Lacan não será abordado, sendo apenas citado como referência histórica na psicanálise.

Deparamo-nos com traduções arbitrárias e também com a pretensão impossível do mestre de empreender uma decodificação exaustiva de cada elemento do sonho. O analista preenche as inevitáveis lacunas.

Na relação intersubjetiva com Sergei, não se trata do trabalho de sonho *Alfa* do analista (Bion, 1992). Nessa relação inefável, são formuladas conjecturas imaginativas, intuitivas e racionais, partindo do trabalho de elaboração dos pictogramas e holografias afetivas, além dos sonhos e das lembranças que poderiam surgir na mente do analista (Ferro, 1998). Não há certezas!

Russo de nacionalidade, Sergei dominava o alemão e tinha conhecimento da língua inglesa, ensinado pela governanta, intratável e alcoólatra. Nesta encruzilhada semântica, importa mergulhar na origem, no significado e nos paralelos das palavras das diferentes línguas para aprofundar a análise.

No período de mal comportamento e terrores, o paciente foi tomado pelo medo quando caçava uma borboleta listrada de amarelo. Ele revelou que, em russo, *babushka* é a palavra para borboleta - metamorfose das lagartas brancas que aparecem em outro sonho - e também para vovó. Mais tarde, associou o abrir e fechar das asas da borboleta a algo ominoso, análogo ao abrir e fechar das pernas da mulher: um V romano que lhe permitiria ter acesso ao genital feminino, fonte de curiosidade e horror. Às 17hs – “V” é o número romano cinco –, o paciente sofria crises de angústia. No sonho, as janelas se abrem sozinhas como as asas da borboleta. Seria a demoníaca ação automática, a compulsão repetitiva (Freud, 1920/1998) no *Além do princípio do prazer?*

Grusha (que, em russo, significa pera) era uma velhinha humilde que tinha perdido seu filho, sendo uma permanente inspiração para as escolhas objetais de Sergei. No galpão da fazenda da família, eram guardadas as frutas e, entre elas, as peras amarelas. A borboleta era uma lembrança encobridora de *Grusha*.

Ele urinou sobre o piso quando a funcionária o estava esfregando de joelhos, em uma posição similar àquela que a mãe teria tido no coito, fazendo-o sentir

Alicia Beatriz Dorado de Lisondo

ameaçado com a castração. Urinar poderia ser, para ele, o equivalente de ejacular. Em russo, *Grusha* é também usada para derramar, acusar e urinar.

O mestre, ante o impacto da cor amarela no seu psiquismo, não discriminou o que poderia ser interpretado em relação ao paciente daquilo que o amarelo trazia à baila da sua própria história. Na lembrança de Freud, as flores amarelas estariam provavelmente relacionadas ao vestido de sua irmã Pauline, o qual, por sua vez, evocava sua paixão adolescente por Gisela Fluss.

Janela, em russo, é *okno*, um termo aparentado com olho. No pesadelo, a janela – que permite avistar a árvore com os lobos – abre sozinha. Será que a criança não queria negar seu desejo de espiar e ver o proibido, eximindo-se de uma participação ativa no gesto intencional?

- Na P.C., o analista estaria atento ao uso que o paciente faz da sua língua materna na relação, para dificultar o desvelamento dos significados possíveis na narrativa compartilhada. Outro uso possível, entre tantos outros, seria mostrar a sua superioridade.

Freud apresenta um traçado evolutivo das etapas libidinais e das zonas erógenas. Essa ordenação cronológica pretendia sustentar a reconstrução (Freud, 1937b/1998) da sequência dinâmica. A ordenação temporal buscava situar a etiologia e o desenvolvimento da patologia infantil. Ao ordenar os acontecimentos em uma sucessão linear, o mestre perdeu de vista a complexidade, em um emaranhado psíquico de todos os tempos vigentes na verdade transferencial.

- A P.C. enfatiza *estados mentais na mente multidimensional*, e todos eles podem estar simultaneamente presentes. A conceptualização das posições foi a enorme contribuição Kleiniana, tais como configurações específicas de ansiedades, defesas e fantasias.
- Com Bion, apostamos na permanente relação entre a posição esquizo – paranoide (Ps.) e a depressiva (Pd.). A visão evolutiva é superada, ao passo que a cronologia temporal é submetida à lógica do inconsciente (Matte-Blanco, 1975).

No mestre, o conceito de cura é solidário ao conceito de normalidade e de patologia. Freud relata que, entre os 10 e os 18 anos, Sergei levou uma “vida aproximadamente normal”. Mahony (1937/1992) interroga esta afirmação à luz do medo do paciente de ter sonhos terríveis, como o pesadelo com o lobo; disposições depressivas recorrentes; medo paralisante dos professores da escola; um compulsivo

O historial clínico do *Homem dos lobos* de Freud, revisitado à luz de certos aportes da psicanálise...

apaixonar-se e desapaixonar-se por irmãs-substitutas rebaixadas; doença nasal e de pele, esquivas sociais.

- Na P.C., caberia indagar o que seria a normalidade. Bion (1957) lembra-nos da parte psicótica e não psicótica da personalidade. Em *Memórias do futuro* (Bion, 1979/1990), várias partes da personalidade convivem simultaneamente.
- O traço mnêmico perceptivo, a matéria-prima psíquica e a cena primária no *Homem dos Lobos* serão trabalhados em sucessivas tentativas representacionais através da figurabilidade (Roussillon, 2019). Esta matéria psíquica é hiper complexa e enigmática.

Nas duas tópicas (Freud, 1895 [1950]/1989, 1900-1901/1989, 1915/1989, 1920/1998, 1925/1998), o inconsciente (Ics.) – seja como lugar, seja como adjetivo – é um conservatório dos traços mnêmicos e um lugar das fixações. Supõe-se até que o Ics. conserva um fundo instintual análogo ao saber dos animais: formações psíquicas herdadas, traços da história humana. Ou seja, o Ics. tem uma extensão mais vasta que o recalcado; o elo perdido entre soma e psique. O mais primitivo seria o nódulo do sistema Inc.

O trabalho representacional possui um valor processual. Ele implica em sucessivos investimentos baseados nos traços mnêmicos (Botella & Botella, 1992; Botella, 2006a, 2006b). O alicerce do sonho leva a uma atividade alucinatória que é subjacente ao processo representacional. Para o casal Botella, o princípio de *convergência-coerência* visa ligar todos os elementos heterogêneos presentes na simultaneidade da atualização alucinatória, de uma forma inteligível. Cito como exemplo o coito a *tergo* e a visão da babá agachada, entre tantos outros. O pensamento figurável do sonho é um exemplo que Freud analisa na sua polissemia.

Os que exercem as funções parentais podem vir a validar – ou não – as expressões incipientes das experiências infantis.

Na infância de Sergei, muitos traumas relacionados com a castração e com a morte foram denegados. Esta invalidação da experiência não permitiu uma articulação representacional para criar os elos com os traços Inc. O clássico sonho e o desenho permitem dar figurabilidade aos traços mnêmicos das fantasias originárias da herança filogenética, à cena primária, à castração e à sedução, todas coloridas com a singularidade deste jovem.

Neste paciente, as manifestações do Psico-Soma são uma evidência da dificuldade de transformar estados corporais em sentimentos simbolicamente integrados.

Alicia Beatriz Dorado de Lisondo

De acordo com Roussillon (2014, 2015), podemos afirmar que a pesca dos significantes formais nas sessões e nos sonhos permitiria a construção de roteiros representativos a partir de uma ação ou movimento, escutada como uma forma narrativa de *estar com*, da mesma forma como este menino, que teve o famoso sonho, conta a experiência do encontro primário com o objeto. Será que ele só percebia a sua mãe preocupada com o véu, com a constipação, com a malária e, assim, a doença era o berro para conclamar a presença do objeto cuidador, seja ele um dos pais, ama de leite ou analista?

Sergei foi privado de uma auto representação das dores psíquicas pelos múltiplos traumas. A simbolização primária e os processos de subjetivação acontecem simultaneamente e são essenciais para o processo de tornar-se sujeito.

Esta simbolização primária permite o processo de resgate do traço mnêmico perceptivo, *matéria prima da experiência*, e do traço sensório-motor com um objeto mal diferenciado, mal identificado no início da vida psíquica, para se tornar linguagem. Assim, a experiência poderá ser escutada, reconhecida e compartilhada por outro sujeito para se integrar à subjetividade.

- Outra mudança importante na P.C. é a superação das amarras do mestre na lógica binária, dicotômica, e na desvalorização da mulher, definida no negativo que abarcam relações hierárquicas e de poder. Ele conceitualizava o masculino como o sujeito do conhecimento, ativo, na posse do pênis, ao passo que o feminino estava equiparado com o objeto a ser conhecido e desejado, com a não posse do pênis, com o passivo (Glocer Fiorini, 2015a, 2015b). Por meio do conceito de bissexualidade como disposição constitucional e de herança cruzada, a rígida divisão entre atividade e passividade não se sustenta, ganhando complexidade.
- Freud formula a constituição da pulsão de investigar.

As contribuições de Bion (1962a) na P.C. legitimam o vínculo K, unido ao vínculo L e ao ódio H.

A transferência nas neuroses era entendida como o deslocamento da cena histórica, da realidade psíquica, para o analista. A partir de 1920, as contribuições de Freud ampliaram a concepção da *neurose de transferência*.

- Na P.C., concebe-se o retorno do clivado, do recusado, do projetado, do sofrido passivamente, quando retorna ativamente nas situações traumáticas.
- O dispositivo analítico não só se ocupa de ressignificar o arcaico, também

O historial clínico do *Homem dos lobos* de Freud, revisitado à luz de certos aportes da psicanálise...

promove a edição de novas inscrições psíquicas (Lutenberg, 2008). Ele fabrica signos. O processo analítico é tanto revelação quanto criação (Ferro et al., 2010).

Freud concebe a herança filogenética e as fantasias ontogenéticas universais.

- Na P.C., concebe-se a transmissão psíquica entre as gerações e o transgeracional. A identificação é o conceito pivô para articular esta herança com a singularidade do sujeito. O transgeracional é tóxico. São os dogmas fanáticos, *Ter que...*; as pesadas cruzes a carregar das mortes não elaboradas, o mandato a realizar desejos parentais frustrados, os traumas não elaborados nas gerações anteriores, etc.

O gênio refere (Freud, 1918 [1914]/1998) que um irmão do pai de seu paciente falece com uma doença obsessiva grave, mas ele não trabalha com as identificações alienantes da história transgeracional.

- Na P.C também se enfatiza o psiquismo pré-natal, os proto-pensamentos e as proto-emoções do psiquismo fetal (Bion, 1975/1990, 1977/1990).

2. Sobre o sonho/ pesadelo

Freud (1900-1901/1989) analisa exaustivamente cada elemento do sonho colocado como centro do tratamento, buscando sentido na rede de associações inconscientes, no desfiladeiro dos significantes. Ele pretende decifrar o sonho. É evidente a sua preocupação com o *quando* e não com o *como* (Meltzer, 1986). A *função* deste sonho no campo analítico, na relação entre ele e seu paciente, não é foco de sua atenção.

Sergei estava reclinado no divã, repetindo na transferência uma penetração passiva, pelas fantasias vindo de trás, em um clima de sedução recíproca.

Os conceitos de *terceiro analítico*, do *sonho a dois* na sessão (Ogden, 2013a, 2013b, 2014a, 2014b) e de explorar a matriz da relação sem objetos relacionados (Bion, 1975/1990, 1977/1990) nos oferecem outras ferramentas para trabalhar na P.C.

Não há espaço para a capacidade negativa de Keats, citada por Bion, nem para as hipóteses de ignorância, para o insaturado.

No sonho, há uma ativação do traço mnemônico inconsciente que emerge. A

Alicia Beatriz Dorado de Lisondo

possibilidade de sonhar é um processo de elaboração, uma tentativa de compreensão ao recordar o sonho e relatá-lo ao seu analista. Vinte anos mais tarde, o paciente terá novas compreensões do ocorrido. Um belo exemplo para revelar o quão impossível é abarcar todos os sentidos presentes nesse pesadelo, eis que o inconsciente é incognoscível e infinito.

Destaco outros vértices, à luz da P.C.:

2.1 Olhavam-no com intensa atenção

O olhar e ser olhado é um pilar na constituição do psiquismo. O bebê precisa se encontrar refletido no olhar da mãe, a qual seria seu espelho vivo (Winnicott, 1972). Para Lacan (1966/1998), *o estágio do espelho* é um momento primordial de assunção do Eu narcisista. O desenho seria um sucedâneo do olhar da mãe (Levín, 2005).

Em um útero psíquico, o bebê, após o nascimento, busca na mãe suficientemente boa – que pressupõe a presença do pai – afirmar a continuidade de sua existência, em um vínculo emocional misterioso, através do canal da *rêverie* (Lisondo, 2009).

Não por acaso, antes da era cibernética, eram nos entrecruzamentos de olhares que se iniciavam as relações amorosas.

Será que este paciente não buscava a mirada atenta do mestre, em um apelo transferencial, e que o interesse genuíno de Freud não foi um importante fator terapêutico?

2.2 Sobre o desenho

Não sabemos em qual momento e como surgiu a ideia de dar figurabilidade gráfica ao sonho e a outros momentos do historial. Desconhecemos qual foi a sequência seguida pelo paciente, os matizes do diálogo analítico, as vozes do silêncio, a função desta inquietante realização estética.

A *imobilidade* da cena foi destacada e atravessa o historial. Ela foi interpretada como disfarce ante a violenta agitação da cena primária. A angústia de castração teria sido o motor do sonho e dos sintomas do paciente.

Como o desenho não foi interpretado na transferência, na relação também ficou imóvel uma detenção do movimento essencial ao processo analítico, em um pacto implícito. Ao unir com um traço os extremos dos galhos, aparecem configuradas as asas da borboleta. No entanto, em um exercício visual, podemos ver

O historial clínico do *Homem dos lobos* de Freud, revisitado à luz de certos aportes da psicanálise...

diferentes insetos. Seriam os martirizados pelo seu sadismo na equação “animais pequenos = bebês de mamãe”?

O desenho como fetiche tentaria, na dupla analítica, encobrir representações geradoras de angústia (Levín, 2005). A detenção da mirada em um ponto prévio à visão do genital feminino, testemunho da castração (Freud, 1927/1998), foi desmentida. Tempo e espaço encontram-se congelados no desenho. A morte seria a última parada do percurso da castração no eixo temporal.

2.3 Estavam sentados imóveis

Será que o menino não faz referência, mediante o deslizamento na cadeia de significantes - lobo, zorro, pai -, à sua vivência ante funções parentais mortas (Green, 1980) paralisadas, sem ressonância emocional, surdas e cegas psiquicamente? Mãe e pai passivos, doentes, sem poder propiciar crescimento psíquico para os filhos? Sem a condição de conclamar este menino para a vida e serem figuras de identificação vitais?

Cito, como exemplo, quando, aos quatro anos e meio, Sergei afirmou “assim não posso mais viver” (p. 71). Ele imitava a sua mãe, que tinha dito a mesma frase para seu médico, na presença do filho, por causa de suas dores e hemorragias. O pequeno também temia apresentar sangue nas fezes ou disenteria, em uma identificação com sua mãe.

2.4 São totalmente brancos

Além de todas as hipóteses levantadas neste historial, indago se o branco não estaria relacionado ao leite e à função nutricia da figura primordial, com capacidade de *rêverie* (Lisondo, 2009) e toda a penumbra de associações. A alusão à mãe não estaria presente somente pela pata branca da figura feminina na história “dos sete cabritos”. Em outro sonho do paciente, uma árvore - figura feminina da qual podia sair sálvia como sangue da mãe - aparecia coberta por lagartas brancas como os lobos em cima da noqueira do típico pesadelo. Não por acaso, no final de sua análise, o paciente escolheu, como presente para dar ao mestre, uma estátua egípcia feminina com o rosto coberto por uma mitra.

Também o branco poderia aludir à pureza imaculada, uma tentativa de “limpar” as fantasias sujas, anais e sádicas sobre a sexualidade pré-genital, um pênis com poderes assassinos, sendo o lobo o substituto do pai e do analista na transferência.

Alicia Beatriz Dorado de Lisondo

O branco, a neve e o frio, a partir de outro vértice, poderiam fazer referência à qualidade dos vínculos, que seriam frios, distantes, congelados. Sem o aquecimento emocional.

2.5 A angústia de ser devorado pelos lobos

Na P.C, apostaríamos que Freud nos relata um pesadelo. O sonho foi interrompido pela angústia que faz o sonhador acordar em pânico, gritando.

Cabe indagar, como hipóteses imaginativas, quais vivências este paciente teve na vida pré-natal? Será que não padeceu terrores subtalâmicos intensos (Bion, 1975/1990)? Será que, na vida pós-natal, os terrores sem nome encontraram a possibilidade de transformação através de uma mãe pensante, intuitiva, continente?

As histórias infantis da Chapeuzinho Vermelho e dos Sete Cabritos permitirão que o paciente, no Natal, a data de seu aniversário, encontrasse nos lobos a imagem para dar figurabilidade – através da narrativa – a uma relação primitiva de crueldade, com destaque aos tropismos de assassinato e parasitário (Bion, 1992), ora como vítima, ora como animal selvagem e depredador. Ele se sentia Cristo, nascido no mesmo dia, grandioso como um lobo. Ele temia ser devorado como retaliação ante sua voracidade assassina, tentado pelos tesouros contidos no corpo da mãe: bebês, pênis?

2.6 Sobre o conhecimento da vagina

Freud afirma que este pesadelo introduziu Sergei na organização genital e no conhecimento da vagina.

O conhecimento da vagina não está excluído do inconsciente (Chasseguet-Smirgel, 1976). Pode ser uma fantasia inata ou uma concepção. Foram as mulheres que reformularam as premissas freudianas sobre a feminilidade.

O mestre interpreta que seu paciente teria compreendido a doença gástrica da mãe, que lhe ocasionava hemorragias, como consequência daquilo que o pai teria realizado no intestino dela, no coito anal. A identificação com a mulher e a atitude homossexual passiva com o homem seria na zona anal, tal a teoria da cloaca.

Para Freud, esta criança teria compreendido, no pesadelo, que a mulher era castrada, tinha no lugar do pênis uma ferida que servia ao comércio sexual e a castração era a condição definidora do feminino. Longe estava o mestre, na sua teoria falocêntrica, de conceber a feminilidade com suas qualidades positivas, ao invés de marcar a falta e o negativo na comparação com o homem. A equação caca-bebê-pênis foi construída levando-se em conta o pequeno separável do corpo. O

O historial clínico do *Homem dos lobos* de Freud, revisitado à luz de certos aportes da psicanálise...

bebê não foi visto como obra criativa do casal, gestado no corpo materno a nascer pela vagina, visualizada na enigmática V.

- Sobre as *hipóteses diagnósticas*, na P.C pensaríamos que Sergei estaria no espectro de patologias não-neuróticas, com déficit no processo de simbolização e narcisação (Green, 1988, 2005a, 2005b, 2005c; Roussillon, 2019), que padecia de transtornos psicossomáticos (Winnicott, 1954/1975; Liberman et al., 1982; Marty, 1993, 1998; McDougall, 1996; Volich, 2000), sendo seu reverso a psicose com o afastamento da realidade e a estruturação de delírios paranóides. A depressão essencial foi marcante na sua vida. Pareceria que o sentido de sua vida foi ter sido o filho preferido do mestre. A escrita de suas *memórias* (Schreber, 1983), as conferências e a pintura de quadros foram seus refúgios.
- Ele defendeu-se com mecanismos obsessivos⁹ de estados de vazio mental e enclaves autistas (Meltzer, 1975).

3. Síntese dos eventos traumáticos na história do *Homem dos lobos* e das aquisições a partir de suas análises

Sergei viveu traumas cumulativos de enorme intensidade:

- Nasceu com uma história transgeracional marcada por tragédias.
 - Os pais foram pessoas perturbadas. Várias vezes o pai foi internado por forte depressão após a morte da filha. Ele foi diagnosticado como paciente Maníaco-Depressivo.
 - O casal parental se ausentava com frequência em longas viagens. A privação das funções parentais não era só pelo distanciamento geográfico concreto. Os filhos sentiam-se abandonados em tenra idade aos cuidados das babás.
 - O menino com malária dormia no quarto dos pais.
- Sua irmã, Ana, se envenenou com mercúrio. O irmão caiu em profunda depressão.
- O paciente, que tinha excelente situação financeira, caiu na miséria após a revolução russa.
 - Sergei conheceu a sua mulher, Teresa, no hospital psiquiátrico em Munich,

⁹ O paciente se liquefazendo, evacuando partes do *self*, ao invés de considerar estes transtornos como uma histeria de ansiedade, tendo o intestino como alvo do impulso homossexual reprimido.

onde ambos estavam internados. O paciente decidiu sair, após quatro meses de internação, com o diagnóstico de Estados Maníaco-Depressivos, o mesmo do seu pai.

- Seu pai morreu inesperadamente aos 49 anos de idade em 1908, quando Sergei tinha 21 anos.
- O filho era o herdeiro designado no testamento pelo pai. Sua mãe não o convidava a participar das conversas com os advogados. Essa situação estremecia o relacionamento ambivalente com ela, aumentando a distância e a frieza. Para ele, o dinheiro estava relacionado com as fezes, na sua configuração obsessiva.
- O Dr. Kraepelin tinha atendido o pai de Sergei. Para o paciente que nos ocupa, este psiquiatra era um substituto do pai. Como o paciente deste historial interrompeu a internação no seu Hospital em Munich, este profissional o encaminhou a outro hospital e deixou de atendê-lo. O jovem sentiu-se profundamente rejeitado.
- Sergei foi internado no Instituto do Dr. N., perto de Frankfurt, de onde escapou.
- Também ficou no sanatório Schlachtensee do Dr. K. em Berlim, que lhe permitia ir regularmente a Munich para se encontrar com Teresa. A continuidade dos padecimentos psíquicos, apesar de todos os tratamentos, corroeu suas esperanças.
- Teresa acompanhou, por cartas ou encontros esporádicos, toda esta peregrinação entre Munich e Berlim. O namoro foi muito conturbado.
- Em 1909, morreu seu tio Pedro, irmão do pai, de paranoia. O paciente preferia esse tio mais que aos pais.
- No ano de 1909, também morreu o pintor G., seu mestre, de câncer de laringe, aos quarenta e três anos.
- Em 1910, conheceu Freud, encaminhado por um médico russo que teria lido a sua obra, o Dr. D.
- De imediato, o analista lhe proibiu de se encontrar com Teresa. Deveria esperar vários meses de tratamento e casar só quando acabasse a análise.
- Em março de 1911, Freud o autorizou a visitar Teresa em Munich. Ela cuidava de uma pensão com sua filha Elsa, estava muito mal, magra e deteriorada.
- O jovem decide não abandonar mais Teresa. Contudo, precisa terminar a análise antes de se casar.
- Sergei termina sua análise quando o príncipe da coroa austríaca foi assassinado e tem início a Primeira Guerra Mundial.

O historial clínico do *Homem dos lobos* de Freud, revisitado à luz de certos aportes da psicanálise...

- A guerra entre Rússia e Alemanha separava o jovem de sua enamorada por exércitos e trincheiras.
- Teresa consegue os papéis para viajar para a Rússia. A relação entre sogra e nora era péssima.
- Elsa, a filha de Teresa, adoece gravemente na Alemanha. Outra odisséia acontece para que a mãe inculpada pudesse viajar e ir ao seu encontro.
- A fortuna investida em títulos do governo foi incendiada. A moeda alemã e austríaca sofreu uma catastrófica desvalorização.
- Sergei viaja à Friburgo, com muitas dificuldades, para estar com sua mulher e com Elsa, que morre de tuberculose dois meses mais tarde. Na sua passagem por Viena, 1919, recebe de Freud o livro com seu historial e uma dedicatória de punho e letra.
- O ex-paciente encontrou trabalho em uma companhia de seguros como voluntário. Freud começa a lhe dar libras para seu sustento. Após ser efetivado, ficou trinta anos nesse escritório, um trabalho administrativo e burocrático.
- Em 1938, a Áustria é invadida por Hitler.
- Em março de 1938, Teresa se suicidou, abrindo o gás da cozinha.
- Ao entrar na zona russa para pintar uma paisagem, Sergei foi interrogado pelos guardas, ficou preso e só após vinte dias a situação acabou esclarecida. Este acontecimento potencializou as fantasias persecutórias.

Observamos a preferência deste homem por hospitais, médicos e até a esposa alemã, possivelmente pelo vínculo que tinha tido aos 10 anos com seu preceptor alemão.

O paciente enfrentou situações traumáticas, com lutos não elaborados, fundo depressivo e fantasias homossexuais permeadas de passividade que dançavam na polaridade sadismo-masochismo. Defendeu-se dos estados de desintegração utilizando defesas obsessivas.

Este paciente tinha uma relação de muita ambivalência com seu pai doente, várias vezes internado em hospitais psiquiátricos, com aparência de homem miserável pelo sofrimento. Precisava se afastar dele e discriminá-lo. Ele encontrou, na Sagrada Família e na religião, figurabilidade para seus padecimentos internos, assim como o caminho das formações reativas, pelos seus traços obsessivos.

Acompanhou e cuidou de sua mãe até a morte, fazendo o mesmo com a sua idosa governanta. A pintura foi uma atividade que conseguiu manter até idade avançada. Cabe indagar o quanto ele estava “copiando” ou realmente criando ao pintar.

Alicia Beatriz Dorado de Lisondo

Sequelas marcaram sua personalidade no decorrer da vida. O aspecto intelectual ficou gravemente lesado, sem poder fazer um uso criativo de sua profissão. A rotina repetitiva do trabalho na Companhia de Seguros funcionava para ele como uma concha autística segura ante angústias catastróficas. A temida vida social ficou restringida; a vida amorosa com outra mulher foi anulada. Os modelos de casal - Adão e Eva, seus pais, o seu próprio casamento - não foram modelos criativos de uma relação amorosa.

Obviamente, não é possível saber sobre sua vida sem análise. Teria acabado seus dias internado, fora da realidade, com delírios cristalizados?

Ter sido o paciente preferido de Freud e coparticipante de importantes descobertas psicanalíticas colocaram Sergei em um lugar de destaque, pilar de sua conquista narcísica. Se ele não se sentiu a majestade para os pais, certamente acabou sendo para seu analista “*o paciente, majestade*”.

4. Longe de concluir

Certamente, na atualidade, de posse dos conhecimentos desenvolvidos pela P.C. e também graças ao mestre, podemos distinguir, entre as racionalizações e um saber encarnado, pelo aprendizado na experiência emocional da relação que enraizam as transformações no ser. Especificamente, como o leitor já percebeu, as ideias apresentadas decorrem de minha leitura dentro de uma inspiração Bioniana, onde a insaturação do campo, a atenção aos múltiplos vértices do entendimento e a promoção da expansão da mente dominam o trabalho. Neste sentido, o artigo não está e não poderia estar acabado, pois visa estimular que outros colegas façam suas críticas, correções e complementações. □

Abstract

The clinical history of Freud's *Wolf man* revisited in the light of certain contributions from contemporary psychoanalysis. Far from neurosis

The clinical history of Freud's *Wolf man* (1918 [1914]) is revisited in light of certain contributions of contemporary psychoanalysis: countertransference; analytical field; the third analytic; analyst's alpha dream work; the person of the analyst; the primary scene, O-transformations; and the multidimensional mind. The diagnosis of neurosis is also reformulated (Bion, 1957), considering the contributions of the

O historial clínico do *Homem dos lobos* de Freud, revisitado à luz de certos aportes da psicanálise...

authors who studied non-neurotic disorders (Green, 1988, 1995, 2005; Roussillon, 2019; Lutemberg, 2007, 2008; Levine, Reed and Scarfone, 2015), with a deficit in symbolization, mental emptiness, psycho-soma disorders (Winnicott, 1965/1983; Green, 1988, 2005b, 2005c; Roussillon, 2019; Liberman et al., 1982; Marty, 1993, 1998), to obsessive defenses and autistic states of mind (Korbivcher, 2013).

Keywords: *Wolf man*; Technique; Primary scene; Contemporary psychoanalysis; Nonneurotic disorders

Resumen

El historial clínico del *Hombre de los lobos* de Freud, revisitado a la luz de ciertas contribuciones del psicoanálisis contemporáneo. Muy por debajo de la neurosis

El historial clínico del *Hombre de los lobos* de Freud (1918 [1914]) es revisitado a la luz de ciertas contribuciones del psicoanálisis contemporáneo: contratransferência; campo analítico; el tercer analítico; trabajo del sueño alfa del analista; la persona del analista; la escena primaria; las transformaciones en “O”; y la mente multidimensional. El diagnóstico de neurosis también se ha reformulado (Bion, 1957), teniendo en cuenta las contribuciones de los autores que estudiaron las patologías no neuróticas (Green, 1988, 1995, 2005; Roussillon, 2019; Lutemberg, 2007, 2008; Levine, Reed y Scarfone, 2015), con déficit en la simbolización, vacío mental, trastornos del psicósoma (Winnicott, 1965/1983; Green, 1988, 2005b, 2005c; Roussillon, 2019; Liberman et al., 1982; Marty, 1993, 1998), defensas obsesivas y estados mentales autistas (Korbivcher, 2013).

Palabras clave: *Hombre de los lobos*; Técnica; Escena primaria; Psicoanálisis contemporánea; Patologías no neuróticas

Referências

- Athanassiou, C. (1982). A constituição e a evolução das primeiras identificações. In: *Rev. Fr. Psychanal.*, 46(6): 1187-1209. Trad. Marilda Pedreira e Nilde J. P. Franch.
- Baranger, M.; & Baranger, W. (1962). La situación analítica como campo dinámico. *Revista de Psicoanálisis (APA). El campo psicoanalítico de nosotros a los Baranger*, 69 (2-3): 311-352.

Alicia Beatriz Dorado de Lisondo

- Bick, E. (1991). A experiência da pele em relações de objetos arcaicas. In *Melanie Klein hoje* (pp. 194-198). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1968)
- Bion, W. R. (1957). The differentiation of the psychotic from the non-psychotic personalities. *The International Journal of Psycho-Analysis*, 38: Reprinted in *Second thoughts* (1967).
- Bion, W. R. (1962a). A theory of thinking. *The International Journal of Psycho-Analysis*, 43: Reprinted in *Second thoughts* (1967).
- Bion, W. R. (1962b). *Learning from experience*. London: William Heinemann. [Reprinted London: Karnac Books,]. Reprinted in *Seven servants* (1977e).
- Bion, W. R. (1965). *Transformations*. London: Heinemann Medical Books.
- Bion, W. R. (1990). The dawn of oblivion. In *A memoir of the future*. London: Karnac Book. (Trabalho original publicado em 1979)
- Bion, W. R. (1990). The dream. In *A memoir of the future*. London: Karnac Book. (Trabalho original publicado em 1975)
- Bion, W. R. (1990). The past present. In *A memoir of the future*. London: Karnac Book. (Trabalho original publicado em 1977)
- Bion, W. R. (1991). *Seminarios de Psicoanálisis*. Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1974)
- Bion, W. R. (1992). *Cogitations*. (Edited by F. Bion). London: Karnac Books.
- Bion, W. R. (1997). *Taming wild thoughts*. London: Karnac Books.
- Borensztejn, C. L. (2012). Actualidad del concepto de campo psicoanalítico de los Baranger. *Revista de Psicoanálisis (APA). El campo psicoanalítico de nosotros a los Baranger*, 69 (2-3): 353-378.
- Botella, C. (2006a). A abordagem da pré-história do analisando: material clínico. In *Conferência: o declínio da memória na psicanálise contemporânea*, 11 setembro, 2006, São Paulo. São Paulo: SBPSP, 2006. p. 5.
- Botella, C. (2006b). Figurabilidade. In *Conferência*, 12 setembro 2006, São Paulo. São Paulo: SBPSP, 2006. p. 2 CD(s).
- Botella, C., & Botella, S. (1992). La posición metapsicológica de la percepción y lo irrepresentable. In: *Revista de Psicoanálisis de Buenos Aires*. Buenos Aires: Asociación Psicoanalítica Argentina, v. 49, n. 3/4, pp. 643- 63.
- Brunswick, R. M. (1928/1983). El psicoanálisis y el Hombre de los Lobos, parte II: Suplemento a la “História de uma neurosis infantil” de Freud. In M. Gardiner (Org.), *Los casos de Sigmund Freud: El hombre de los lobos por El hombre de los lobos* (pp. 179-222). Buenos Aires: Nueva Visión. (Trabalho original publicado em 1928)
- Candi, T. (2010). O limite como novo paradigma para a psicanálise. In *O duplo limite: o aparelho psíquico de André Green* (Cap. 2). São Paulo: Escuta.
- Chasseguet-Smirgel, J. (1976). Some thoughts on the Ego ideal. A contribution to the study of the illness of ideality. *Psychoanalytic Quarterly*, 45 (3): 345-373.
- Cintra, E. M. U.; Tamburrino, G. & Ribeiro, M. F. R. (2017). *Para além da contratransferência: o analista implicado*. São Paulo: Zagodini.

O historial clínico do *Homem dos lobos* de Freud, revisitado à luz de certos aportes da psicanálise...

- Ferro, A. (1998). Na sala de análise: emoções, relatos, transformações. In *Crêterios de analisabilidade e fim de análise: um vértice radical* (Cap. 1). Rio de Janeiro: Imago.
- Ferro, A. (2000). Notas sobre o atuar, a contratransferência e o campo transgeracional. In *A psicanálise como literatura e terapia* (Cap. 8). Rio de Janeiro: Imago.
- Ferro, A. (2005). A autoanálise e os gradientes de funcionamento do analista. In *Fatores de doença, fatores de cura: gênese do sofrimento e da cura psicanalítica* (Cap. 8). Rio de Janeiro: Imago.
- Ferro, A. (2011). Variações sobre transferência e contratransferência. In *Evitar as emoções, viver as emoções* (Cap. 9). Porto Alegre: Artmed.
- Ferro, A. (2017). Ação terapêutica e personagens do campo. In *Tormentos e almas: paixões, sintomas, sonhos* (Cap. 5). São Paulo: Blucher.
- Ferro, A. et al. (2010). *Soñar El Análisis: desarrollos clínicos del pensamiento de Wilfred R. Bion*. Buenos Aires: Lumen.
- Freud, S. (1989). Proyecto de psicología. En *Sigmund Freud Obras completas*, (Vol. 1, pp. 323-445). Buenos Aires: Amarrortu. (Original publicado en 1895 [1950])
- Freud, S. (1989). La interpretación de los sueños (II) y Sobre el sueño. En *Sigmund Freud Obras completas*, (Vol. 5, pp. 372). Buenos Aires: Amarrortu. (Original publicado en 1900-1901)
- Freud, S. (1989). Três ensayos de teoria sexual. En *Sigmund Freud Obras completas*, (Vol. 7, pp. 109-224). Buenos Aires: Amarrortu. (Original publicado en 1905)
- Freud, S. (1989). Análisis de la fobia de un niño de cinco años. En *Sigmund Freud Obras completas*, (Vol. 10, pp. 1-118). Buenos Aires: Amarrortu. (Original publicado en 1909)
- Freud, S. (1990). Recordar, repetir y reelaborar: nuevos consejos sobre la técnica del psicoanálisis, II. En *Sigmund Freud Obras completas*, (Vol. 12, pp. 145-157). Buenos Aires: Amarrortu. (Original publicado en 1914)
- Freud, S. (1989). Lo inconciente. En *Sigmund Freud Obras completas*, (Vol. 14, pp. 153-213). Buenos Aires: Amarrortu. (Original publicado en 1915)
- Freud, S. (1989). 25º Conferencia. La angustia. En *Sigmund Freud Obras completas*, (Vol. 16, pp. 357-374). Buenos Aires: Amarrortu. (Original publicado en 1917 [1916-17])
- Freud, S. (1998). Historia de una neurosis infantil: caso del hombre de los lobos. En *Sigmund Freud Obras completas*, (Vol. 17, pp. 03-112). Buenos Aires: Amorrortu. (Original publicado en 1918 [1914])
- Freud, S. (1998). Mas allá del principio de placer. En *Sigmund Freud Obras completas* (Vol. 18, pp. 3-62). Buenos Aires: Amorrortu. (Original publicado en 1920)
- Freud, S. (1998). El yo y el ello: El yo y el superyó (ideal del yo). En *Sigmund Freud Obras completas*, (Vol. 19, pp. 30-59). Buenos Aires: Amarrortu. (Original publicado en 1923)
- Freud, S. (1998). Nota sobre la pizarra mágica. En *Sigmund Freud Obras completas*, (Vol. 19, pp. 239-248). Buenos Aires: Amorrortu. (Original publicado en 1925)
- Freud, S. (1998). El porvenir de una ilusión. En *Sigmund Freud Obras completas* (Vol. 21, pp. 1-56). Buenos Aires: Amorrortu. (Original publicado en 1927)

Alicia Beatriz Dorado de Lisondo

- Freud, S. (1998). Análisis terminable e interminable. En *Sigmund Freud Obras completas*. Moisés y la religión monoteísta. Esquema del psicoanálisis y otras obras (Vol. 23, pp. 211- 254). Buenos Aires: Amorrortu. (Original publicado en 1937a)
- Freud, S. (1998). Construcciones en el análisis. En *Sigmund Freud Obras completas*, (Vol. 23, pp. 211-254). Buenos Aires: Amorrortu. (Original publicado en 1937b)
- Gardiner, M. (1983). *Los casos de Sigmund Freud: El hombre de los lobos por El hombre de los lobos*. Buenos Aires: Nueva Visión.
- Glocer Fiorini, L. (2015a). La lógica freudiana: metateorías sobre la diferencia sexual. En *La diferencia sexual en debate: cuerpos, deseos y ficciones* (pp. 71-79). Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Lugar Editorial.
- Glocer Fiorini, L. (2015b). Controversias pos-freudianas y contemporáneas. En *La diferencia sexual en debate: cuerpos, deseos y ficciones* (pp. 81-85). Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Lugar Editorial.
- Green, A. (1980). La mère morte. In *Narcissisme de vie, narcissisme de mort. Les éditions de minuit*. Paris: Minuit, 1983.
- Green, A. (1988). O processo de desvinculação. In *Sobre loucura pessoal*, (Cap. 14). Rio de Janeiro: Imago.
- Green, A. (1992). *O discurso vivo: uma teoria psicanalítica do afeto*. Brasil: Francisco Alves.
- Green, A. (1995). La pulsión y el objeto. In *La metapsicología revisitada: pulsión, representación, objeto, yo, realidad*, (Cap. 1). Buenos Aires: Eudeba.
- Green, A. (2005a). Encuadre – Proceso – Transferencia. In *Ideas directrices para un psicoanálisis contemporáneo: desconocimiento y reconocimiento del inconsciente*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Green, A. (2005b). Transferencia y contratransferencia. In *Ideas directrices para un psicoanálisis contemporáneo: desconocimiento y reconocimiento del inconsciente*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Green, A. (2005c). Apertura para una renovación de la teoría: linaje subjetal y linaje objetal. In *Ideas directrices para un psicoanálisis contemporáneo: desconocimiento y reconocimiento del inconsciente*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Heisenberg, W. (1927). *A parte e o todo: encontros e conversas sobre física, filosofia, religião e política*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- Houzel, D. (1991). *Identificação introjetiva, Reparação, formação de símbolos*. Trad. Silvia C. Bronstein; Nilde J. P. Franch. São Paulo: SBPSP, 1999.
- Jarast, G. (2016). Los conceptos de vínculo y espiral dialéctico: un puente entre la intra e intersubjetividade. In *The Psychoanalytic Quarterly*, (Cap. 3). Buenos Aires: Antigua.
- Klein, M. (1975). Infantile anxiety-situations reflected in a work of art and in the creative impulse. In *The Writings of Melanie Klein*, (Vol. 1). London: Hogarth. (Trabalho original publicado em 1929)
- Klein, M. (1975). The psycho-analysis of children. In *The Writings of Melanie Klein*, (Vol. 2). London: Hogarth. (Trabalho original publicado em 1932)

 O historial clínico do *Homem dos lobos* de Freud, revisitado à luz de certos aportes da psicanálise...

- Korbivcher, C. F. (2013). *Autistic transformations. Bion's theory and autistic phenomena*. London: Karnac.
- Lacan, J. (1998). O estádio do espelho como formador da função do eu. In *J. Lacan, Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1966)
- Levín, R. E. (2005). La escena inmóvil. In *La escena inmóvil: teoría y clínica psicoanalítica del dibujo* (Cap. 8, pp. 155-168). Buenos Aires: Lugar.
- Levine, H. B., Reed, G. S., & Scarfone, D. (2015). *Unrepresented states and the construction of meaning*. London: Karnac.
- Levine, H. B., Reed, G. S., & Scarfone, D. (2016a). Pensar, conhecer-re-conocer. In *Estados não representados e a construção de significado: contribuições clínicas e teóricas* (Cap. 3). São Paulo: Blucher.
- Levine, H. B., Reed, G. S., & Scarfone, D. (2016b). Interpretar-interferir. In *Estados não representados e a construção de significado: contribuições clínicas e teóricas* (Cap. 8). São Paulo: Blucher.
- Liberman, D. et al. (1982). *Del cuerpo al simbolo: Sobreadaptación y enfermedad psicossomática*. Buenos Aires: Kargieman.
- Lisondo, A. B. D. (2009). Rêverie re-visitado. *Revista de Psicoanálisis*, 21 (2): 23-40. Prêmio FEPAL. São Paulo: SBPSP.
- Lisondo, A. B. D.; Durant, N. & Mendes de Almeida, M. (2019). *La intuición, herramienta privilegiada para acceder a la mente primordial*. Trabalho apresentado no Congresso Bion 2020, janeiro de 2020. Espanha: Barcelona.
- Lutemberg, J. (2007). *El vacío mental*. Buenos Aires: Siklos.
- Lutemberg, J. (2008). Las teorías del vínculo en el psicoanálisis clásico. Freud: Teoría general del inconsciente y los fenómenos vinculares. In *Teoría de los vínculos*. Buenos Aires: Siklos.
- Mahony, P. (1992). *Gritos do homem dos lobos*. Tradução de Maria Claudia Santos Barata da Silva. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1937)
- Marty, P. (1993). *A psicossomática do adulto*. Tradução de P. C. Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Marty, P. (1998). *Mentalização e psicossomática*. Tradução de A. E. V. A. Güntert. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Matte-Blanco, I. (1975). *The unconscious as infinite sets*. Londres: Duckworth.
- McDougall, J. (1996). *Teatros do corpo: o psicossoma em psicanálise* (2. ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Meltzer, D. (1973). *Sexual states of mind*. Perth: Culinie.
- Meltzer, D. (1975). *Explorations in autism*. Perthshire: Clunie.
- Meltzer, D. (1978). *El significado clínico de la obra de Bion, Parte III de Desarrollo Kleiniano*. Buenos Aires: Spatia, 1990.
- Meltzer, D. (1984). *Vida onírica. Una revisión de la teoría y de la técnica psicoanalítica*. Madrid: Tecnipublicaciones, 1987.

Alicia Beatriz Dorado de Lisondo

- Meltzer, D. (1986). Psychotic illness in early childhood. Ten years on from. Explorations in autism. In *Studies in extended metapsychology* (pp. 122-135). Pertshire: Clunie Press.
- Mezan, R. (2017). *História do pensamento psicanalítico: linhas de continuidade e ruptura I, II e III*. São Paulo: SBPSP.
- Mijolla, A. (2005). *Dicionário internacional de Psicanálise: conceitos, noções, biografias, obras, eventos, instituições*. Direção geral de Alain Mijolla, tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Imago.
- Ogden, T. H. (2013a). Analisando formas de vitalidade e de desvitalização. In *Reverie e interpretação: captando algo humano* (Cap. 2). São Paulo: Escuta.
- Ogden, T. H. (2013b). *Reverie e interpretação*. In *Reverie e interpretação: captando algo humano* (Cap. 6). São Paulo: Escuta.
- Ogden, T. H. (2014a). Lendo Susan Isaacs: para uma revisão radical da teoria do pensar. In *Leituras criativas: ensaios sobre obras analíticas seminais* (Cap. 3). São Paulo: Escuta.
- Ogden, T. H. (2014b). Elementos de estilo analítico: seminários clínicos de Bion. In *Leituras criativas: ensaios sobre obras analíticas seminais* (Cap. 7). São Paulo: Escuta.
- Racker, H. (1960). *Estudios sobre técnica psicoanalítica*. Buenos Aires: Paidós.
- Rosenfeld, D. (2006). Imagen corporal psicótica. In *El alma, la mente y el psicoanalista* (pp. 307-361). Mexico: Editorial Paradiso, 2011.
- Rosenfeld, D. (2012). Traumas infantis e sua influência na idade adulta. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 19 (3): 485-505.
- Roussillon, R. (2014). O trauma narcísico-identificatório e sua transferência. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 48 (3): 187-205.
- Roussillon, R. (2015). Para introduzir o trabalho sobre a simbolização primária. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 49 (1): 33-46.
- Roussillon, R. (2019). *Manual da prática clínica em psicologia e psicopatologia*. São Paulo: Blucher.
- Schreber, D. P. (1983). Las memorias del Hombre de los Lobos, parte I: Recuerdos de mi infancia. In M. Gardiner (Org.), *Los casos de Sigmund Freud: El hombre de los lobos por El hombre de los lobos* (pp. 15-38). Buenos Aires: Nueva Visión.
- Steiner, J. (2017). *Lectures on technique by Melanie Klein*. Edited with Critical Review. New York: Routledge.
- Tabbia, C. (2019). La actitud psicoanalítica. Fe, creencia, intuición. *Temas de Psicoanálisis*, 18. Recuperado de <https://www.temasdepsicoanálisis.org/wp-content/uploads/2019/07/Carlos-Tabbia.-La-actitud-psicoanal%C3%ADtica.-Fe-creencia-intuici%C3%B3n..pdf>
- Tesone, J. E. (2009). Inscrições transgeracionais no nome próprio. *Jornal de Psicanálise*, 42 (76): 137-157.
- Vermote, R. (2011a). Bion's critical approach to psychoanalysis. In C. Mawson (Ed.), *Bion today* (pp. 349-365). Londres: Routledge.
- Vermote, R. (2011b). On the value of "Late Bion" to analytic theory and practice. In *J. Psycho-Anal.*, 92 (5): 1089-1098.

O historial clínico do *Homem dos lobos* de Freud, revisitado à luz de certos aportes da psicanálise...

Volich, R. M. (2000). *Psicossomática* (2. ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Winnicott, D. W. (1972). *Realidad y Juego*. Buenos Aires: Granica.

Winnicott, D. W. (1975). Mind and its relation to the psyche-soma. In *Collected papers. Through paediatrics to psycho-analysis*. London: Basic Books. (Trabalho original publicado em 1954)

Winnicott, D. W. (1983). A integração do Ego no desenvolvimento da criança. In *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1965)

Winnicott, D. W. (1990). Ego distortions in terms of true and false self. In *The maturational processes and the facilitating environment*. London: Karnac. (Trabalho original publicado em 1960)

Recebido em 16/01/2020

Aceito em 19/02/2020

Revisão gramatical de **Gustavo Czekster**

Revisão técnica de **Maria da Graça Motta**

Alicia Beatriz Dorado de Lisondo

Rua José Morano, 313

13100-055 – Campinas – SP – Brasil

Rua Paraguaçu, 174

05006-010 – São Paulo – SP – Brasil

alicia.beatriz.lisondo@gmail.com

© Revista de Psicanálise – SPPA